

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX

Daniel Precioso

Doutorando em História Moderna – UFF e Bolsista CNPq

RESUMO: Este artigo pretende avaliar os limites e as possibilidades de uma leitura histórica de *O Mulato* (1881) de Aluísio Azevedo. Por se tratar de um clássico da literatura brasileira, muitos foram os seus comentaristas, sobretudo no campo da teoria literária. Deteremos-nos, porém, naqueles que procuraram aproximar história e crítica literária. Neste sentido, o objetivo do estudo é dialogar com abordagens que o tomaram como documento, procurando entender como seus estudiosos lhe conferiram historicidade, sobretudo no que diz respeito à discussão das relações raciais em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: História, literatura, relações raciais.

ABSTRACT: This article intends to value the limits and the means of a historical reading of Aluísio Azevedo's *O Mulato* (1881). Because of treating a classic of the Brazilian literature, many people were his commentators, especially in the field of the literary theory. We will stop, however, in that what they tried to bring near history and literary criticism. In this sense, the objective of the study is to talk to the approaches that took it like document, trying to understand how his scholars gave him historical character, especially what concerns the discussion of the racial relations in São Luís of the Maranhão in the second half of the century XIX.

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

KEYWORDS: History, literature, racial relations.

A busca do sentido histórico das transformações ocorridas na sociedade brasileira em romances consagrados de nossa literatura não é recente. A relevância da história para a compreensão de algumas das obras-primas dos mais ilustres literatos brasileiros, tais como Machado de Assis, foi assinalada não apenas por historiadores, mas também pelos críticos literários.¹

Entre os que aproximaram história e crítica literária, a pesquisa e a interpretação constituíram o duplo caminho pelo qual tiveram de percorrer. O interesse em desvendar o sentido da experiência histórica de um literato (ou de uma sociedade) em romances, levou-os a mirar, em suas interpretações, os significados mais profundos ou estruturais, dificilmente captáveis na observação da superfície dos acontecimentos da trama. Buscavam, portanto, os códigos sociais compartilhados e o arranjo das estruturas políticas, sociais e econômicas, bem como as tradições e os costumes, que consistiam no pano de fundo sob o qual se desenrolava a ficção enredada.

Não obstante, o recente diálogo entre os dois campos de pesquisa não se desenvolve sempre harmoniosamente. A história da literatura escrita por Sidney Chalhoub e pelos pesquisadores ligados ao CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura) – cuja coletânea *História em Cousas Miúdas* é um exemplo (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005) – resgata “um tipo de análise em que se relaciona texto e contexto” (JESUS, 2006: 11). Apesar de haver muitos especialistas em literatura que evocam a história em suas pesquisas, em geral, a baixa receptividade dos departamentos de teoria literária de abordagens que procuram esquadriñar nas obras de literatura a história coloca barreiras a um intercâmbio mais profícuo entre as duas áreas do conhecimento.²

Sidney Chalhoub, que havia se aproximado da obra de Machado de Assis desde *Visões da Liberdade* (CHALHOUB, 1990) e ministrou cursos de história e literatura durante

¹ Entre os historiadores cf. Astrojildo Pereira, Raymundo Faoro, Jefferson Cano e Sidney Chalhoub. Entre os críticos literários cf. John Gledson e Roberto Schwarz (CHALHOUB, 2003).

² Sobre a receptividade das pesquisas dos historiadores da literatura pelos teóricos literários cf. a entrevista concedida por Sidney Chalhoub a Ronaldo Pereira de Jesus (JESUS, 2006).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

toda a década de 1990 na Unicamp, em seu livro mais recente, revelou qual foi o modo de ler os romances do “bruxo” que o permitiu perscrutar em que medida a atividade do literato imiscuia-se à do funcionário do Ministério da Agricultura envolvido com a aplicação da lei de 1871 (do Ventre Livre). O diálogo com a obra de John Gledson e de outros críticos da obra machadiana que aproximaram crítica literária e história foi um dos alicerces de sua leitura, bem como o “estofo da história”, isto é, um longo lastro de pesquisa sobre a escravidão na segunda metade do século XIX.

Não é, contudo, “ler a contrapelo” *O Mulato* de Aluísio Azevedo nosso objetivo, menos ainda investigar os meios de atuação dos dependentes no contexto de destruição da sociedade paternalista com a lei do Ventre Livre. À revelia de Chalhoub, não temos o “estofo” de uma longa pesquisa histórica acerca da escravidão em São Luís do Maranhão, retratada por Aluísio no romance de 1881. O caminho seguido no presente estudo é mais singelo: observar de que modo estudiosos do romance o tomaram como testemunho histórico, principalmente no que se refere às tentativas de relacionar a produção de Aluísio Azevedo com o debate sobre as relações raciais.

Aluísio Azevedo: o caricaturista, o cronista e o literato

Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo nasceu em São Luís a 14 de abril de 1857, filho do vice-cônsul português Davi Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Pinto de Magalhães. Seu pai era viúvo e a mãe divorciada do marido, algo que configurava grande escândalo na sociedade da época.

O jovem Aluísio, fruto desse consórcio, traria no seu espírito o gosto pela ciência e pela arte, traço característico de sua personalidade. Desde sua infância, o maranhense revelou forte inclinação para as artes plásticas, notadamente para o desenho e para a pintura. Adolescente, já demonstrava seu talento com a tela e o pincel nas mãos, pintando quadros a óleo. Entusiasmado pelo sucesso que seu irmão mais velho Arthur Azevedo³

³ Sobre a atuação de Arthur Azevedo na imprensa carioca cf. *A Cena Aberta* (MENCARELLI, 1999).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

obteve na Corte, Aluísio, ainda rapazote, partiu em 1876 para o Rio a fim de matricular-se na Academia Imperial de Belas-Artes.

Chegando à Corte, impossibilitado de realizar a matrícula no curso de artes, dá início a uma bem sucedida carreira de caricaturista. Contribuindo com as redações de jornais como *O Mequetrefe*, *Fígaro* e *Zig-Zag*, Aluísio Azevedo foi autor de inúmeras charges. Sua filiação às causas abolicionista, republicana e anticlerical deixa-se entrever já nesse período e a acidez da crítica social de suas charges o faz conquistar certa notoriedade. A morte de seu pai, contudo, o leva de volta para sua terra natal.⁴

Em São Luís, Aluísio Azevedo emprega-se novamente na imprensa, escrevendo crônicas e comentários, ao mesmo tempo, que termina um romance que iniciou ainda no Rio de Janeiro, *Uma Lágrima de Mulher* (1879). Considerado pelos críticos um livro romântico no pior estilo piegas, esta obra ainda não revelara o naturalista de *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço* (VERÍSSIMO 1954, 294). No entanto, por esse tempo, o jovem combativo se entrega de corpo e alma a uma entrincheirada luta com o clero maranhense, afundado em escândalos.⁵

O crítico literário Josué Montello, consultando o acervo de jornais antigos do Maranhão na Biblioteca Pública de São Luís e a coleção particular do historiador José Ribeiro do Amaral, assinalou o surgimento, em setembro de 1880, de um periódico trimestral na capital maranhense. Auto-intitulado “órgão dos interesses da sociedade moderna”, *O Pensador* reunia atrás de pseudônimos como Marquês de Pombal, Diderot, Pietro Garibaldino, Sórora Pompadour, Marius e Vanini, dentre outros contribuintes, Aluísio Azevedo. Logo no primeiro número, o periódico torna patente seu combate ao “espírito sacerdotal”. Além do anticlericalismo, o jornal tinha uma veia cientificista (haja vista da influência do positivismo de Auguste Comte sobre os jovens redatores), opondo à fé a razão (MONTELLO, 1975: 5-6).

⁴ Para uma biografia de Aluísio Azevedo cf. Josué Montello (MONTELLO, 1963), Fernando Góes (GÓES, 1975) e Douglas Tufano (TUFANO *in* AZEVEDO, 1994).

⁵ Graça Aranha, em *O meu próprio romance*, relatou a luta do novo bispo Dom Antônio “contra o relaxado clero, afundado na sodomia” (ARANHA. *Apud.* MONTELLO, 1975: 6).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

Durante os anos que se seguiram até a publicação de *O Mulato* uma renhida briga fora travada no âmbito da imprensa entre *O Pensador* e o clero maranhense. Em sua luta pela moralização do clero, o bispo maranhense Dom Antônio Cândido de Alvarenga não restringiu sua ação doutrinária à aplicação de castigos e expulsões, criando também um órgão de imprensa para combater a tibieza da fé e a licenciosidade dos costumes, chamado *Civilização*. Os redatores dos dois periódicos trocaram insultos entre 1879 e 1881, a ponto de citar nomes e dedicar muitas linhas ao escárnio e ao rebate de críticas do opositor. O estudo de Josué Monteiro da polêmica em torno de *O Mulato* é uma importante síntese desta batalha, que, como procura demonstrar o crítico, desembocou e atingiu o seu cume nesse romance. Destarte, o livro de Azevedo, mais que uma fonte, teria sido um episódio da luta pela destruição de instituições tradicionais brasileiras – a Igreja e a escravidão –, nocivas e arcaicas aos olhos do cientificismo positivista. O livro, contudo, observa Montello, não se esgota na crítica a essas instituições. Para além da denúncia do preconceito de cor e da má vida do clero maranhense, “*O Mulato* se engrandece como o romance de uma cidade” (MONTELLO, 1975: 55). Ao desenvolver a trama do romance, portanto, Aluísio Azevedo pinta um quadro da sociedade maranhense das últimas décadas da escravidão, desnudando os vícios torpes escondidos pelas batinas e a perenidade de valores ligados à pureza de sangue, enfim, todo um orbe de costumes e tradições provincianas.

Um testemunho histórico

Considerado o primeiro literato brasileiro a viver exclusivamente de sua arte, Aluísio Azevedo tem sua obra dividida pelos especialistas em duas séries distintas: a primeira inclui os romances que resultaram de sua “realização artística” e, a segunda, os que foram concebidos em virtude das suas obrigações de folhetinista (MONTELLO, 1963: 9)⁶. Suas

⁶ Angela Maria Rubel Fanini, empreendendo uma releitura dos romances-folhetins de Aluísio Azevedo, relativiza a visão que os desqualifica como sublitteratura. A autora justifica a linguagem híbrida entre o romantismo e o real-naturalismo presente nessas obras por meio de uma abordagem que articula forma literária e realidade sócio-histórica (FANINI, 2003).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

obras-primas – *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço* –, enquadram-se na primeira série de romances. O primeiro deles foi escrito, provavelmente, em 1880, sendo publicado apenas no ano seguinte, pois, como revelou o seu autor, em 1889, “o volume levou um ano a ser impresso” (AZEVEDO, 1994: 18). Apesar da péssima recepção que o romance recebeu em sua cidade natal, afirmou Aluísio, “a imprensa da corte recebeu-me bem, e, à imitação dela, a de todas as províncias do Norte e do Sul” (AZEVEDO, 1994: 19). Na verdade, a imprensa de São Luís pronunciou-se sobre o romance, entretanto com palavras pouco acolhedoras. A *Civilização*, no número de 23 de julho de 1881, publicou um longo artigo detratando Aluísio Azevedo, cujo conteúdo, em meio a uma lista infundável de insultos, aconselhava: “À lavoura, meu estúpido! À lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances! Isto sim é real” (AZEVEDO, 1994: 19). Diante disto, não restou alternativa ao jovem Aluísio que não retornar ao Rio de Janeiro, em cuja província passou a ser amparado pelo acolhimento de Joaquim Serra, Sílvio Romero, Araripe Júnior, Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Capistrano de Abreu, Raul Pompéia, Urbano Duarte, José do Patrocínio, Clóvis Beviláqua, Tobias Barreto, Raimundo Correia, Fontoura Xavier, Ferreira de Meneses, Adelino Fontoura, Sá Viana, Koseritz e outros escritores renomados.

Assim como outros escritores realistas, ao denunciar os costumes e tradições provincianas de São Luís do Maranhão, em 1881, Aluísio realizou um estudo filológico, procurando reproduzir no romance “expressões”, “termos”, “dizeres e locuções”, que lhe conferem grande importância como registro da língua falada na província. Em 1889, ao prefaciar a 3ª edição de *O Mulato*, Aluísio Azevedo afirmou

até conservar, religiosamente, certos dizeres e locuções, que se usam naquela província, posto que os leitores cá do Sul hajam de estranhá-los, como sucedeu com o ilustre falecido Batista Caetano, que, num volume, levado à Biblioteca Nacional pelo meu amigo Capistrano de Abreu, me censurou, à margem de algumas páginas, o uso de muitos termos que ele não conhecia e outros que supunha imitados dos romances portugueses (AZEVEDO, 1994:18).

Contra a acusação, Aluísio teceu a seguinte réplica:

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO DE ALUÍSIO DE AZEVEDO*: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

Nosso filólogo ignorava que em São Luís do Maranhão são freqüentes certas expressões à moda de Portugal, e aquilo, pois, que se lhe afigurou macaqueado de C. Castelo Branco, era simplesmente copiado do natural (AZEVEDO, 1994: 18).

Em sua resposta, o literato maranhense torna patente sua intenção de transportar com fidelidade para as linhas do romance de 1881 a língua, tal como era falada em sua província. A aproximação do literato com a filologia levou-o a constatar que, em São Luís, se “empregam palavras de todo desconhecidas no resto do Brasil [...] (e mesmo) em Portugal, mas que por lá, na (sua) província, são muito comuns” (AZEVEDO, 1994: 18).

Ademais, a relação de amizade com Capistrano de Abreu pode ter rendido debates sobre aspectos da história do Maranhão (e mesmo do Brasil como um todo) presentes no romance. Pelos idos de 1881, conforme relatou o literato no prefácio para a 3ª edição do romance, um volume foi levado por seu amigo e historiador à Biblioteca Nacional. É possível que Aluísio Azevedo tenha procedido dessa forma visando colocar sua obra à disposição de especialistas diversos (além do público em geral, obviamente) que freqüentavam o local para pesquisar, pois, segundo carta enviada por Capistrano de Abreu a seu amigo Rio Branco, era lá que o historiador “passava seis horas por dia, estudando, pesquisando, mergulhado em manuscritos” do Conselho Ultramarino, quando seus *Capítulos de História Colonial* ainda engatinhavam (RODRIGUES, 2000: 3). Neste sentido, a discussão do literato maranhense com o filólogo Batista Caetano aludida anteriormente só faz confirmar essa conjectura. Ao que parece, portanto, não é descabida a hipótese de que Aluísio Azevedo tenha se aproximado da história ao retratar alguns aspectos das relações raciais, conforme tentaremos esquadrihar nas abordagens históricas do romance apresentadas nas linhas subseqüentes.

O livro de Aluísio conta a história do Dr. Raimundo, “o mulato”, protagonista do romance. Filho de um tratadista de escravos, o português José, com sua escrava Domingas, o mulato foi alforriado na pia batismal e, na adolescência, enviado para Lisboa a fim de tornar-se bacharel em direito. Este, ao retornar ao Maranhão, pelos idos de 1850, em ocasião da morte de seu pai, instala-se na casa de seu tio paterno, o comerciante português Manuel Pescada, despertando um grande amor em Ana Rosa, filha do comerciante. A

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

família da moça, dotada de grande preconceito de cor, ao tomar consciência da situação, se posta, de forma resoluta, contrariamente à união – sobretudo a avó da moça, de formação ainda colonial.⁷ A mão de Ana Rosa, a exemplo do costume da época, estava reservada ao caixeiro português mais velho da casa comercial de Manuel Pescada, o Dias. Ana Rosa, contudo, fazendo mau juízo do contrato, e lembrando-se do conselho dado por sua mãe, em vida, de que deveria casar com quem desejasse sob pena de ser infeliz pelo resto de seus dias, decide lutar contra os preceitos de branquidade de sua família para desfrutar do amor do mulato, o seu “Mundico”. O desfecho do romance, prenhe do fatalismo característico das obras naturalistas, culmina com a morte do Dr. Raimundo e o casamento de Ana Rosa com Dias.

O grande crápula do livro é o padre Diogo, religioso relaxado: concubino e assassino. Caricaturalmente construída, a figura do religioso desenhada pela pena de Azevedo exagerou os seus traços maléficos: saiu da arma de Diogo o tiro que matou José, o pai de Raimundo, bem como, foi sob sua influência que o caixeiro Dias resolveu assassinar o mulato. A denúncia da torpeza dos vícios e da hipocrisia sacerdotal, bem como a insistência na influência nociva dos religiosos na sociabilidade de São Luís parece endossar a tese de Josué Montello. Todavia, o romance de 1881 não se resume a mais um dos episódios da luta de jovens abolicionistas, anti-clericalistas e positivistas como Aluísio reunidos na redação d’*O Pensador*, mas também a um importante “retrato sociológico” da provinciana São Luís.

⁷ Muito afeita à pureza do sangue português que lhe corria as veias, a avó de Ana Rosa, diante do anseio da moça em casar-se com um mulato, esbravejou: “Pois olha, se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos alumando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue!” (AZEVEDO, 1994: 165). Dirigindo-se, dessa vez, ao pai da moça, disse: “Mas creia, seu Manuel, que, se tamanha desgraça viesse a suceder, só a você a deveríamos, porque, no fim das contas, a quem lembra meter em casa um cabra tão cheio de fumaças como o tal doutor das dúzias?... Eles hoje em dia são todos assim!... Dá-se-lhes o pé e tomam a mão!... Já não conhecem o seu lugar, tratantes! Ah, meu tempo! Meu tempo! Que não era preciso estar cá com discussões e políticas! Fez-se besta? Rua! A porta da rua é a serventia da casa! E é o que você deve fazer, seu Manuel! Não seja pamonha! Despeça-o por uma vez para o Sul, com todos os diabos do inferno! E trate de casar sua filha com um branco como ela. Arre!” (AZEVEDO, 1994: 165).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

A importância de *O Mulato* de Aluísio Azevedo enquanto registro da sociedade maranhense das últimas décadas da escravidão deve-se ainda ao fato de ser uma obra naturalista.

Não que ele fosse um naturalista ortodoxo, imbuído do propósito de realizar uma obra de ciência, na linha traçada por Emílio Zola. Seu naturalismo é o de Eça de Queirós, isto é, a arte controlada pela observação direta. Certo, em alguns pontos, o cientificismo do tempo faz sentir num e noutro a sua presença, mas tanto no romancista brasileiro como no português está longe de constituir o elemento-dominante... (MONTELLO, 1963: 11).

O “cientificismo do tempo” presente na obra naturalista de Aluísio a que se referiu o crítico advinha da influência das teorias das ciências experimentais da época que compreendiam o homem como “um simples produto biológico, cujo comportamento resultava da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica” (TUFANO *in* MONTELLO, 1994: 5). No que tange à leitura do romance como documento histórico, o comprometimento do autor naturalista com a observação do meio – que apresenta os fatos sociais que constituem a matéria-prima para os seus romances – interessa menos pela crença que os movia a supostamente descrever objetivamente a realidade, mas antes por ser a própria realidade o objeto de sua escrita.

A obra naturalista do mestre maranhense, por esse motivo, “converte-se em documento, sem perder, contudo, o seu valor no plano da criação estética” (MONTELLO, 1963: 11). Ainda sobre o romance, afirma o crítico literário,

o preconceito de cor, muito apurado na sociedade maranhense do século XIX, tem no livro de Aluísio a sua exata fixação, em termos de narrativa romanesca. E pode ser transferido da obra literária para o estudo sociológico, a exemplo do que fez Gilberto Freyre (MONTELLO, 1963: 12).

O pensador pernambucano, que antecipou, no Brasil, postulados da *nova história* francesa, lançou mão de fontes diversas para sua interpretação do Brasil, dentre as quais a literária (BURKE, 1997: 4). Em *Sobrados e mucambos*, no capítulo XI, intitulado “Ascensão

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

do bacharel e do mulato”, Freyre recorre a *O mulato* como testemunho histórico de uma Maranhão provinciana. Porém, é na construção do tipo “eugênico” ou “eutênico” do mulato que reside a importância principal do romance de Aluísio Azevedo na visão freyriana.

O escritor de *Casa-Grande & Senzala*, divulgador pioneiro da antropologia cultural no Brasil da década de 1930, propalava já a esse período uma interpretação do processo de formação de nossa sociedade que recusava as teorias raciais vigentes.⁸ Longe de consistir em um problema, na visão de Freyre, o amalgamento de raças e culturas seria, na verdade, o maior legado da colonização dos portugueses, povo mestiço de mouro e africano portador do que chamou de “plasticidade”, “adaptabilidade” ou “miscibilidade”. É, contudo, em *Sobrados e mucambos*, que Freyre vai além, elogiando de sobejo às características físicas do mulato.⁹ Segundo o escritor, “o híbrido, quando *eugênico*, parece possuir como nenhum indivíduo de raça pura [...] encanto particular” (grifo nosso) (FREYRE, 2006: 712). Se, no estudo anterior, Freyre conteve-se em salientar as virtudes de uma cultura híbrida, na tese sobre a decadência do patriarcado rural e a formação do urbano, afirmou que o cruzamento biológico entre portugueses e africanos, quando levava ao aperfeiçoamento genético, resultava em “mestiços ou mulatos claros [...] com a mão pequena, o pé bonito, às vezes os lábios ou o nariz, dos pais fidalgos” (FREYRE, 2006: 712). Apesar do “mulato eugênico” de Freyre ser tanto melhor fenotipicamente quanto pudesse angariar, pela via genética, os caracteres da raça branca, ao que parece, na sua visão, a valoração tradicional do pensamento social brasileiro acerca da eugenia é invertida: ao invés do arianismo das

⁸ Durante sua estadia na Universidade de Columbia, Gilberto Freyre foi orientando do “papa” da antropologia cultural norte-americana, Franz-Boas. A influência da antropologia boasiana na obra de Freyre pode ser observada no uso do conceito de “cultura” (em detrimento do de “raça”) e no combate ao evolucionismo biológico, racial (REIS, 2006; DAMATTA, 2006).

⁹ Curiosamente, ao tratar da mestiçagem, Gilberto Freyre travou uma discussão com tendências antropológicas que ressaltavam a assimetria do mestiço. Esse fato reforça a idéia defendida por Jessé Sousa de que o escritor pernambucano não desvincilhara-se por completo do conceito de raça, apesar de seu enfoque notadamente culturalista (SOUZA, 2000). Ao que parece, essa tendência, que é também observada em *CG&S*, ficou mais clara em *Sobrados e mucambos*. Sobre o assunto cf. o debate realizado por Freyre com as teorias de assimetria dos mestiços sustentadas por Davenport (FREYRE, 2006: 735).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

teorias raciais remanescentes do Oitocentos e que ainda calavam fundo ao tempo da concepção de CG&S, o hibridismo como elemento propício à reprodução e ao melhoramento da “raça brasileira”.

O mulato – tipo biológico *sui generis* da “primeira civilização moderna dos trópicos” –, ora “pela beleza física e pela atração sexual exercida sobre o branco do sexo oposto” ora pelos “atrativos intelectuais”, ganhos na Europa ou em educandários e seminários brasileiros, logrou ascender socialmente no século XIX (FREYRE, 2006: 732). É certo, que o preconceito racial decorrente das concepções européias de pureza de sangue da época colonial ainda vigentes no imaginário social brasileiro balizou, em grande medida, a ascensão social das proles resultantes de relações sexuais entre brancos e negros, principalmente durante as primeiras décadas do Oitocentos. No entanto, afirma Freyre, esse quadro sofreu alterações a partir do quarto decênio do século XIX.

Conforme argumenta o autor de *Sobrados e mucambos*, o Brasil oitocentista apresentava “duas grandes forças, novas e triunfantes, às vezes reunidas numa só: o bacharel e o mulato” (FREYRE, 2006: 711). Contudo, nas primeiras décadas do século XIX, ainda verificava-se a conhecida predileção dos proprietários rurais dos lugares mais afastados em encomendar aos correspondentes, caixeiros brancos e que soubessem ler e fazer contas. Predileção, aliás, que se manteve firme durante toda a centúria, principalmente nas regiões mais provincianas. Por outro lado, com o Império, sobretudo no reinado de D. Pedro II, o lado “sociológico” que envolvia a contratação de caixeiros passou, paulatinamente, a pesar mais que o “biológico” – este último preceito, útil “à economia patriarcal e à pureza de raça das famílias de engenho”, mas não ao patriarcado urbano, menos receoso em relação à questão do “sangue rigorosamente limpo”. “Saliente-se, entretanto”, ressalva o escritor, “que a ascensão social do bacharel, quando mulato evidente, só raramente ocorreu de modo menos dramático” (FREYRE, 2006: 723).

A “nova mística” do moço – às vezes, mulato – bem nascido e intelectual sistematizou-se durante o reinado de D. Pedro II, “destruindo quase de todo a antiga: a do capitão-mor velho” (FREYRE, 2006: 713). Essa transformação teria sido impulsionada pela decadência do patriarcado rural e pelo desenvolvimento urbano, que criou campo para uma

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

intervenção mais direta do letrado ou do clérigo na política. Ademais, deve-se ainda a essa transformação o advento do “homem fino da cidade” e “a ascensão do brasileiro nato e até do mulato aos cargos públicos e à aristocracia da toga” (FREYRE, 2006: 714). Assim, teriam sido estes “bacharéis, doutores e semidoutores de cor” os responsáveis pela formação de uma nova espécie de aristocracia “mais indiferente que as outras à pureza de sangue”¹⁰ (FREYRE, 2006: 719).

Enfim, ao que nos interessa o mulato bacharel “fino, eugênico e aseado” encontra seu mais perfeito correspondente na figura do protagonista do romance de Aluísio de 1881, o Dr. Raimundo. Nas palavras de Gilberto Freyre,

Aluísio Azevedo deixou-nos em romance – verdadeiro “documento humano” recortado da vida provinciana do seu tempo, segundo a técnica realista que foi um dos primeiros a seguir entre nós – metuculoso retrato de bacharel mulato educado na Europa (FREYRE, 2006: 732).

Buscando traçar o “perfil antropológico do mulato eugênico”, Gilberto Freyre recorreu à credence popular ao afirmar que o “mulatão bonito”, o Dr. Raimundo do romance, não foi inventado por Aluísio Azevedo, que “fotografou-o do vivo, quase sem retoques, segundo o seu método e o da sua escola” (FREYRE, 2006: 734). Vê-se que o escritor pernambucano discorda duplamente de Fernando Góes e Josué Montello, teóricos literários que estudaram o romance de Aluísio: por um lado, Freyre ressaltou, em dois momentos, a intenção do autor de *O Mulato* de empregar as “técnicas realistas” de Zola, visando um retrato fiel da sociedade maranhense e, por outro, realizou uma leitura das características físicas do herói do romance antes como testemunho dos fenótipos “eugênicos” do mulato, ao invés de enxergar um resquício de tradições românticas ainda presentes no primeiro romance naturalista do mestre maranhense, como defendem os críticos literários mencionados (GÓES, 1975; MONTELLO, 1975: 27).

¹⁰ Gilberto Freyre evoca a si o título de progenitor da idéia, esboçada em 1936, de que “influem sobre o *status* do brasileiro menos a raça do que a classe e a região”. O escritor pernambucano reconhece, todavia, que Debret, Koster e Rugendas anteciparam-no “em inteligentes reparos” (FREYRE, 2006: 771 n19).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

Freyre avança ainda uma hipótese para a recusa de Manuel Pescada em conceder a mão de sua filha ao Dr. Raimundo: em sua perspectiva, não fora tanto o preconceito racial que determinou o impedimento, mas o fato do mulato ser “filho de escrava, negra de engenho, negra que ainda vivia, embora maluca, mulambenta, vagando pelo mato” (FREYRE, 2006: 733). Assim, apesar do mulato retratado no romance conjugar elementos essenciais para o “embranquecimento” social – tais como um pai português e rico, o título de bacharel e suas qualidades eugênicas –, o fato de ter sido alforriado à pia, ou seja, ter nascido de ventre escravo, teria sido determinante. Para o escritor pernambucano, portanto, a herança do cativo, transmitida pela ascendência ou ventre materno, e não propriamente a pele escura, consistia no obstáculo principal para a aceitação dos homens “de cor” no seio da sociedade brasileira durante a segunda metade do século XIX.

Considerações finais

O presente estudo buscou estabelecer um debate com as interpretações históricas do romance *O Mulato* de Aluísio Azevedo. Ao discorrer sobre as teses de seus intérpretes – historiadores, cientistas sociais ou críticos de literatura –, procuramos dimensionar as relações entre história e ficção.

Na esteira de tendências recentes que se valeram de fontes literárias para uma história social que persegue ora a experiência histórica dos literatos ora a dos “sujeitos dominados” descritos nos romances e nas crônicas, este artigo teve a pretensão de servir de guia a uma revisão da bibliografia que tomou o romance de 1881 de Aluísio como testemunho histórico da capital maranhense.

O debate entre os estudiosos do mestre maranhense revelou a sua inclinação para a retratação e denúncia de aspectos provincianos de sua cidade natal, São Luís. Entretanto, o diálogo entre as diferentes tendências analíticas do romance não se desenvolveu sem dissonância. Os especialistas em literatura Fernando Góes e Josué Montello discordaram de Gilberto Freyre quanto à atribuição do referencial teórico utilizado por Aluísio Azevedo no

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

romance: para os primeiros, o naturalismo de *O Mulato* é mais próximo do de Eça de Queirós e não de Emile Zola, como sugeriu Freyre. Além disso, Góes e Montello endossam a idéia de que a intenção de Aluísio era denunciar o preconceito de cor, aspecto que teria norteado os infortúnios do protagonista, o Dr. Raimundo, enquanto Freyre, a contrapelo, atribuiu a Aluísio uma intenção de confeccionar um “documento humano”, ou seja, de transferir para as linhas do romance as características eugênicas do mulato (que acredita ser uma figura histórica e não ficcional), bem como retratar as possibilidades de ascensão do mulato bacharel na sociedade maranhense de meados do século XIX (período ficcional do romance) até 1881 (data de sua publicação).¹¹

Josué Montello, que, dentre os críticos literários, foi o que mais detidamente ressaltou o caráter documental do romance de 1881 – afirmando mesmo que ele fora um episódio da luta entre jovens científicos e o clero maranhense –, não realizou, contudo, uma leitura histórica do romance em si, mas do contexto em que foi produzido. Deste modo, não encontramos em seu estudo uma exegese da urdidura romanesca que extraísse a história de suas entranhas, mas um estudo direcionado à reconstituição das hostilidades entre Aluísio e o clero maranhense, a quem o primeiro procurou, conforme a tese de Montello, detratar em sua primeira obra naturalista.

Gilberto Freyre, talvez o primeiro cientista social a se debruçar sobre a obra de Aluísio vertendo-a como testemunho histórico, em sua tese sobre a decadência do patriarcado rural e a emergência do urbano, destacou do romance de Aluísio a sua historicidade. Atrelando sua leitura do romance a outras fontes de natureza diversa, o escritor pernambucano tornou sua análise prenhe da exegese que faltou em Montello: na leitura freyreana encontra-se o cotejo entre a ficção e realidade histórica. A abordagem de Freyre destoou ainda da dos críticos literários por ressaltar os aspectos “eugênicos” do herói do romance: o que estes entenderam como sendo uma característica romântica ainda presente em Aluísio, visto que este começou sua carreira de romancista com um livro romântico, Freyre entendeu como um retrato do bacharel mulato que ascendeu socialmente

¹¹ Conforme salientou S. Chalhoub, a leitura de um romance enquanto testemunho histórico deve apoiar-se sobre duas historicidades: a da obra, ou seja, aquela em que se desenvolve a ficção, e a de sua redação/publicação (CHALHOUB 2003, 18).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-
por Daniel precioso

no século XIX. Assim, na leitura freyriana, foi a ascendência direta do cativo que barrou o casamento do Dr. Raimundo com Ana Rosa e não a cor amulatada de sua tez, visão que esta sendo retomada pela historiografia mais recente que ressalta a proeminência do fator social sobre o “racial” para a ascensão social dos homens de cor e de seus descendentes.¹²

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato* (orientação pedagógica Douglas Tufano; notas de leitura Cláudio A. Tafarello), São Paulo: Editora Moderna, 1994 (Coleção travessias).

BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história, *Tempo Social*, São Paulo: USP, 9(2): 1-12, outubro de 1997.

CHALHOUB, Sidney, et. al. (orgs.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

_____. *Machado de Assis*: historiador, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Visões da liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAMATTA, Roberto. O Brasil como morada – Apresentação para *Sobrados e mucambos*. In: FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: a decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano, 16ª ed, São Paulo: Global, 2006, pp. 11-26.

FANINI, Angela Maria Rubel. *Os Romances-Folhetins de Aluísio de Azevedo*: aventuras periféricas. Florianópolis: Tese (Doutorado em Teoria Literária) - ICHLA/UFSC, 2003.

FREYRE, Gilberto. Ascensão do bacharel e do mulato. In: *Sobrados e mucambos*: a decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano, 16ª ed., São Paulo: Global, 2006, pp.710-775.

GÓES, Fernando. Introdução. In: AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*, 20ª ed., São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975, pp. 11-25.

¹² A guisa de exemplo, cf. a análise da construção da categoria sócio-racial “pardo” no capítulo escrito por Hebe Mattos da coletânea *O Antigo Regime nos trópicos* (MATTOS, 2000).

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX-

por Daniel precioso

JESUS, Ronaldo Pereira de. Sidney Chalhoub, historiador (entrevista). *Lócus: revista de história*, Juiz de Fora: UFJF, v. 12, n.º 1, 2006, pp. 09-16.

MATTOS, Hebe Maria. A escravidão moderna nos quadros do Antigo Regime em perspectiva atlântica. In: FRAGOSO, João, et. al. (orgs.). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 141-162.

MENCARELLI, Fernando. *A Cena Aberta*. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo e a Polêmica D’ “O Mulato”*, Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1975.

_____. Apresentação, In: *Aluísio Azevedo*. Trechos Escolhidos, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil, de Varnhagen a FHC*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RODRIGUES, José Honório. Explicação: normas da 4ª edição (1954). In: ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial, 1500-1800*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000, pp. 1-26 – (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

SOUZA, Jessé. Uma interpretação alternativa do dilema brasileiro. In: *A modernização seletiva*. Uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: UNB, 2000, pp. 205-251.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*, 3º ed., Rio de Janeiro: s/e, 1954.

Recebido em 15 de setembro de 2010

Aprovado em 19 de setembro de 2011